

RUBEM BRAGA



Caryl Chessman: o seu segredo está na cara

UMA coisa que me impressiona nessa dramática história de Caryl Chessman é a sua impopularidade entre os outros presos de San Quentin. Eles fizeram um boneco de pano em que escreveram o nome de Chessman, e o enforcaram simbolicamente.

Ora, isso não é normal. Seria de esperar que esse homem que está condenado à morte há onze anos e através de mil lances patéticos tem protelado a hora de entrar na sinistra câmara de gás tivesse a simpatia ou pelo menos a indiferença dos outros presos. Enquanto o mundo inteiro se comove, com toda razão, e se mobiliza contra esse homicídio legal, os companheiros de cadeia de Chessman querem apenas ver a sua caveira.

Talvez encontremos aqui um dramático segredo de

Chessman, um segredo que pode explicar muita coisa de sua estranha vida: êle é, antes de tudo, um homem profundamente antipático. As fotografias que dêle conhecemos parecem confirmar isso. Chessman é um feio antipático, de ar pretensioso e desagradável. A enorme simpatia que desperta a sua causa contrasta com essa antipatia pessoal inata. E essa antipatia talvez ajude a explicar os desajustamentos que o levaram a ser um criminoso, e também o extremo rigor das pessoas que julgaram êsses crimes — nenhum dêles, afinal de contas, de morte.

Sem nada conhecer do processo, achamos difícil conceber que êsse homem seja inocente de todos os crimes — dezessete — que lhe são imputados. A Justiça não pode ter errado de maneira tão copiosa. As pessoas que no mundo inteiro se batem pela sua vida não acreditam necessariamente em sua inocência; acreditam, isso sim, em sua recuperação, graças a um tremendo esforço espiritual ajudado por uma inteligência de exceção. Onze anos depois de entrar na cadeia, Chessman é outro ser humano — inteiramente outro. Talvez só tenha guardado do antigo Chessman aquêle estigma terrível: a sua arrogante e poderosa antipatia. O orgulho intelectual — mais do que explicável — com certeza só fêz agravar êsse defeito, e terá contribuído para isolá-lo dos outros criminosos de San Quentin.

O pior crime atribuído a Chessman é o de violência carnal. Crime, na verdade, repugnante pela sua estupidez; mas crime típico do feio, do antipático, do desamado. Os amoráveis, êsses fazem a mesma coisa com um simples abuso sentimental; podem causar em suas vítimas traumas terríveis e mesmo levá-las ao suicídio pelo arrependimento, pelo desespero ou pela vergonha; mas quase nunca chegam a ser julgados.

Não quero, com isso, justificar Chessman. Acho, como toda gente (menos êsses estranhos colegas de prisão, menos êsses frios burocratas e juizes que alimentam a sua longa tortura), que êle já pagou muitas vezes qualquer crime que tenha feito. Em nenhum outro caso a pena de morte seria mais odiosa; mais do que a comutação da pena, Chessman merece o indulto, a liberdade.

Se fôsse juiz, eu o mandaria passear sem mais um minuto de espera — a não ser o tempo necessário para chamá-lo e dizer-lhe baixinho: “Faça uma cirurgia plástica, dê um jeito qualquer nessa cara, porque assim não há guarda no mundo que não sinta uma vontade irresistível de metê-lo no xadrez...”